



FSL0537

Desenvolvimento Econômico e Mudança Social
“A Divisão Social do Trabalho no Século XXI”.

Docente responsável: Prof. Dr. Alvaro A. Comin (548616) <alvcomin@usp.br>

Graduação em Ciências Sociais – USP, Semestre I, 2018

4. *Acumulação fordista e acumulação flexível.* (05 e 06 de abril)

- Harvey, David (1992) *A Condição pós-moderna*. RJ, Loyola. [Caps. 8 e 9; pp. 121-162].
- James P. Womack & Daniel T. Jones & Daniel Roos (2004) *A Máquina que Mudou o Mundo*. E. Campus. (Caps. 2 & 3 : pp. 21-70).
- Tabak, Faruk (1994) “The World Labour Force”. In: Hopkins, T. K. and Wallerstein, I. M. *The Age of Transition. Trajectory of the World-System, 1945—2025*. New York, Zed Books. [Cap. 4: pp. 87-116).

Transição

O intervalo entre a decadência do antigo e a formação e estabelecimento do novo constitui um período de transição, que sempre deve ser necessariamente marcado pela incerteza, pela confusão, pelo erro e pelo fanatismo selvagem e implacável.

John Calhoun

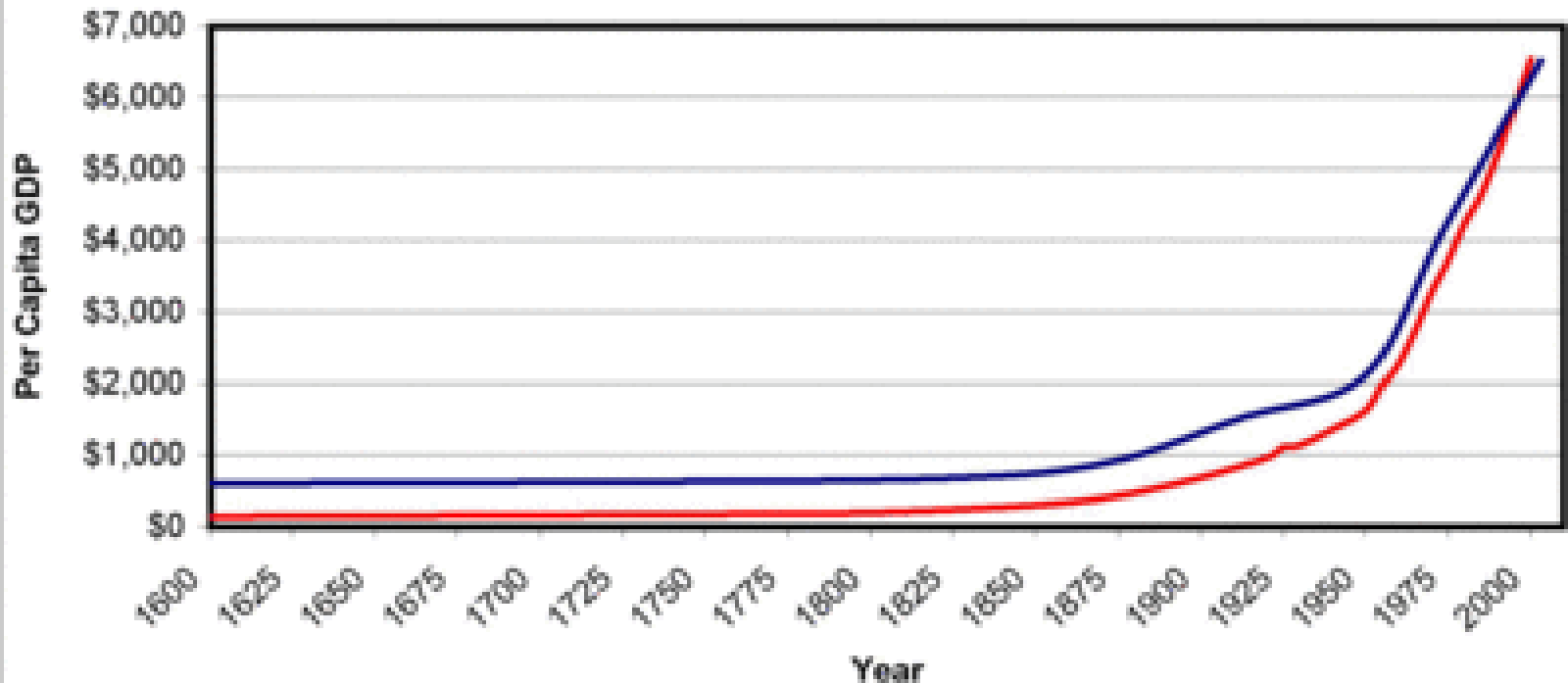
Crise

- como Simmel (1978) sugeriu há muito tempo, é também nesses períodos de fragmentação e de insegurança econômica que o desejo de valores estáveis faz surgir uma ênfase intensificada na autoridade das instituições básicas - a família, a religião, o Estado. (Harvey, 161)

Aceleração do Progresso

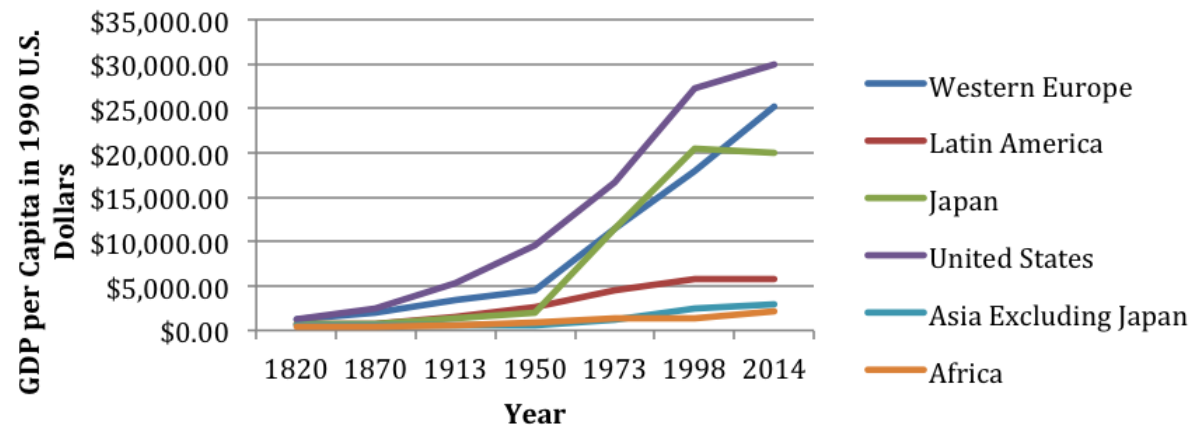
**World Per Capita GDP
1600 - 2003 (1990 International Dollars)**

— Brad DeLong — Angus Maddison



Source: J. Bradford DeLong, "Estimating World GDP, One Million B.C. - Present" http://www.j-bradford-delong.net/TCEH1998_DraftWorld_GDPEstimating_World_GDP.html. Accessed Mar 5, 2008. Angus Maddison, "Contours of the World Economy, 1-2000 AD: Essays in Macro-Economic History." New York: Oxford University Press, 2007. 382.

GDP per Capita by Regions (1820-2014)



Século XX: o Século (Norte) Americano

- Capitalismo, ciência e tecnologia;
- Produção em massa para consumo das massas;
- A primeira era das máquinas: a transformação do artesão em proletário;
- A grande corporação capitalista e a verticalização das cadeias de produção;

Fordismo

- Século XX e a corrida entre os dois modelos de industrialização: fordismo X produção flexível (toyotismo); a que estes modelos se referem e qual o seu alcance? Diferenças entre EUA e Europa; fordismo e divisão social do trabalho; O fordismo na periferia (colonialismo, pós-colonialismo e desenvolvimentismo);
- Fordismo como sistema de produção =
 - produção em massa de bens padronizados,
 - corporação verticalizada
 - linhas de montagem, controle de tempos e movimentos; trabalhador especializado, muitos níveis hierárquicos;
- fordismo (keynesianismo) como sistema social =
 - sociedade de consumo de massas (os meios de comunicação de massa, o marketing, o crédito;
 - mercados e trabalho duais: grande corporação *versus* fornecedoras (pequenas empresas) e prestadoras de serviços;
 - mobilidade social ascendente via consumo e escolarização dos filhos; democracias liberais;

o controle social do trabalho, dentro e fora da fábrica

“A educação, o treinamento, a persuasão, a mobilização de certos sentimentos sociais (a ética do trabalho, a lealdade aos companheiros, o orgulho local ou nacional) e propensões psicológicas (a busca da identidade através do trabalho, a iniciativa individual ou a solidariedade social) desempenham um papel e estão claramente presentes na formação de ideologias dominantes cultivadas pelos meios de comunicação de massa, pelas instituições religiosas e educacionais, pelos vários setores do aparelho do Estado, e afirmadas pela simples articulação de sua experiência por parte dos que fazem o trabalho”.
(Harvey, p. 119)

Taylorismo, verticalismo, fragmentação dos ofícios

- Taylor – aumento de produtividade via decomposição máxima das tarefas de produção; especialização e individualização do trabalhador (baixo custo de treinamento); controle rigoroso de tempos e movimentos;
 - A separação entre gerência, concepção, controle e execução: muitos níveis hierárquicos com comando vertical rígido (“militar”) e ancorado no suposto de uma hierarquia de níveis de saberes técnicos (engenheiro, mestre/supervisor, operário, aprendizes).
 - Verticalização (internalização); concentração de capital (barreiras de entrada), limitação da concorrência, hierarquia técnica entre montadoras e fornecedoras/subcontratadas e redes de distribuição e serviços;
- “Os novos métodos de trabalho ‘são inseparáveis de um modo específico de viver e de pensar e sentir a vida’. Questões de sexualidade, de família, de formas de coerção moral, de consumismo e de ação do Estado estavam vinculadas, ao ver de Gramsci, ao esforço de forjar um tipo particular de trabalhador adequado ao novo tipo de trabalho e de processo produtivo”. (Harvey p. 121/2)

A força numérica do proletariado

Tabela 2.4 *Estrutura do emprego em países capitalistas avançados escolhidos, no período 1960-1981, ilustrando o aumento da economia de serviços*

	Porcentagem da população empregada em:								
	Agricultura			Indústria			Serviços		
	1960	1973	1981	1960	1973	1981	1960	1973	1981
Austrália	10,3	7,4	6,5	39,9	35,5	30,6	49,8	57,1	62,8
Canadá	13,3	6,5	5,5	33,2	30,6	28,3	53,5	62,8	66,2
França	22,4	11,4	8,6	37,8	39,7	35,2	39,8	48,9	56,2
Al. Ocidental	14,0	7,5	5,9	48,8	47,5	44,1	37,3	45,0	49,9
Itália	32,8	18,3	13,4	36,9	39,2	37,5	30,2	42,5	49,2
Japão	30,2	13,4	10,0	28,5	37,2	35,3	41,3	49,3	54,7
Espanha	42,3	24,3	18,2	32,0	36,7	35,2	25,7	39,0	46,6
Suécia	13,1	7,1	5,6	42,0	36,8	31,3	45,0	56,0	63,1
Reino Unido	4,1	2,9	2,8	48,8	42,6	36,3	47,0	54,5	60,9
EUA	8,3	4,2	3,5	33,6	33,2	30,1	58,1	62,6	66,4
OCDE	21,7	12,1	10,0	35,3	36,4	33,7	43,0	51,5	56,3

Fonte: *Estatísticas da Força de Trabalho da OCDE*

O tripé: empresários, estado e sindicatos

- A administração científica de todas as facetas da atividade corporativa (não somente produção como também relações pessoais, treinamento no local de trabalho, marketing, criação de produtos, estratégias de preços, obsolescência planejada de equipamentos e produtos) tornou-se o marco da racionalidade corporativa burocrática.
- as corporações aceitaram a contragosto o poder sindical, particularmente quando os sindicatos procuravam controlar seus membros e colaborar com a administração em planos de aumento da produtividade em troca de ganhos de salário que estimulassem a demanda efetiva da maneira originalmente concebida por Ford.
- O Estado, por sua vez, assumia uma variedade de obrigações. Na medida em que a produção de massa, que envolvia pesados investimentos em capital fixo, requeria condições de demanda relativamente estáveis para ser lucrativa, o Estado se esforçava para controlar ciclos econômicos com uma combinação apropriada de políticas fiscais e monetárias (...). Os governos também buscavam fornecer um forte complemento ao salário com gastos de seguridade social, assistência médica, educação, habitação etc. Além disso, o poder estatal era exercido direta ou indiretamente sobre os acordos salariais e os direitos dos trabalhadores na produção.

Divisão social do trabalho no fordismo

Nem todos eram atingidos pelos benefícios do fordismo, havendo na verdade sinais abundantes de insatisfação mesmo no apogeu do sistema. Para começar, a negociação fordista de salários estava confinada a certos setores da economia e a certas nações-Estado em que o crescimento estável da demanda podia ser acompanhado por investimentos de larga escala na tecnologia de produção em massa. Outros setores de produção de alto risco ainda dependiam de baixos salários e de fraca garantia de emprego. E mesmo os setores fordistas podiam recorrer a uma base não-fordista de subcontratação. Os mercados de trabalho tendiam a se dividir entre o que O'Connor (1973) denominou um setor "monopolista" e um setor "competitivo" muito mais diversificado em que o trabalho estava longe de ter privilégios. As desigualdades resultantes produziram serias tensões sociais e fortes movimentos sociais por parte dos excluídos - movimentos que giravam em torno da maneira pela qual a raça, o gênero e a origem étnica costumavam determinar quem tinha ou não acesso ao emprego privilegiado. (p.132)

Barrados no baile

Sem acesso ao trabalho privilegiado da produção de massa, amplos segmentos da força de trabalho também não tinham acesso às tão louvadas alegrias do consumo de massa. Tratava-se de uma fórmula segura para produzir insatisfação. **O movimento dos direitos civis nos Estados Unidos se tornou uma raiva revolucionária que abalou as grandes cidades. O surgimento de mulheres como assalariadas mal remuneradas foi acompanhado por um movimento feminista igualmente vigoroso.** E o choque da descoberta de **uma terrível pobreza em meio à crescente afluência** (exposta, por exemplo, em *The other America* de Michael Harrington) gerou fortes contra-movimentos de descontentamento com os supostos benefícios do fordismo. (p.132)

Enquanto isto, na periferia...

Devem-se acrescentar a isso todos os insatisfeitos do Terceiro Mundo com um processo de modernização que prometia desenvolvimento, emancipação das necessidades e plena integração ao fordismo, mas que, na prática, promovia a destruição de culturas locais, muita opressão e numerosas formas de domínio capitalista em troca de ganhos bastante pífios em termos de padrão de vida e de serviços públicos (por exemplo, no campo da saúde), a não ser para uma elite nacional muito afluyente que decidira colaborar ativamente com o capital internacional.

Acumulação Flexível

Na superfície, essas dificuldades podem ser melhor apreendidas por uma palavra: rigidez. Havia problemas com a rigidez dos investimentos de capital fixo de longo prazo em sistemas de produção em massa que impediam muita flexibilidade de planejamento e presumiam crescimento estável em mercados de consumo invariantes. Havia problemas de rigidez nos mercados, na alocação e nos contratos de trabalho (especialmente no chamado setor "monopolista"). E toda tentativa de superar esses problemas de rigidez encontrava a força aparentemente invencível do poder profundamente entrincheirado da classe trabalhadora - o que explica as ondas de greve e os problemas trabalhistas do período 1968-1972. (p.135)

Flexibilidade do quê?

- A *acumulação flexível*, como vou chamá-la, é marcada por um confronto direto com a rigidez do fordismo. Ela se apóia na flexibilidade dos processos de trabalho, dos mercados de trabalho, dos produtos e padrões de consumo. Caracteriza-se pelo surgimento de setores de produção inteiramente novos, novas maneiras de fornecimento de serviços financeiros, novos mercados e, sobretudo, taxas altamente intensificadas de inovação comercial, tecnológica e organizacional.
- Ela também envolve um novo movimento que chamarei de compressão do espaço-tempo“no mundo capitalista - os horizontes temporais da tomada de decisões privada e pública se estreitaram, enquanto a comunicação via satélite e a queda dos custos de transporte possibilitaram cada vez mais a difusão imediata dessas decisões num espaço cada vez mais amplo e variegado. (p.140)
- acumulação flexível parece implicar níveis relativamente altos de desemprego "estrutural" (em oposição a "friccional"), rápida destruição e reconstrução de habilidades, ganhos modestos (quando há) de salários reais e o retrocesso do poder sindical - uma das colunas políticas do regime fordista. (p.141)



Figura 2.10 Estruturas do mercado de trabalho em condições de acumulação flexível.
(Fonte: Flexible Patterns of Work, editado por C. Curson, Institute of Personnel Management)

Periferias centrais

- “A transformação da estrutura do mercado de trabalho teve como paralelo mudanças de igual importância na organização industrial. Por exemplo, a **subcontratação** organizada abre oportunidades para a formação de pequenos negócios e, em alguns casos, permite que sistemas mais antigos de trabalho doméstico, **artesanal, familiar (patriarcal) e paternalista ("padrinhos", "patronos" e até estruturas semelhantes às da máfia)** revivam e floresçam, mas agora como peças centrais e não apêndices do sistema produtivo. O retorno de formas de produção que envolvem exploração em cidades como Nova Iorque, Los Angeles e Londres se tornou objeto de comentários na metade dos anos 70 e proliferou, em vez de diminuir, na década de 80. O rápido crescimento de **economias "negras", "informais" ou "subterrâneas"** também têm sido documentado em todo o mundo capitalista avançado, levando alguns a detectar uma crescente **convergência entre sistemas de trabalho "terceiro-mundistas" e capitalistas avançados.**”(p.145)

- Esse retorno segue paralelo ao aumento da capacidade do capital multinacional de levar para o exterior sistemas fordistas de produção em massa, e ali explorar a força de trabalho feminino extremamente vulnerável em condições de remuneração extremamente baixa e segurança do emprego negligenciável (ver Nashe Fernandez-Kelly, 1983). O programa Maquiladora, que permite que administradores e a propriedade do capital norte-americano permaneçam ao norte da fronteira mexicana, enquanto se instalam as fábricas, que empregam principalmente mulheres jovens, ao sul da fronteira, e um exemplo particularmente dramático de uma prática que se tornou generalizada em muitos dos países menos desenvolvidos e recém-industrializados (as Filipinas, a Coreia do Sul, o Brasil etc.).

O mercado de trabalho para mulheres

- “Os efeitos são duplamente óbvios quando consideramos a transformação do papel das mulheres na produção e nos mercados de trabalho. Não apenas **as novas estruturas do mercado de trabalho facilitam muito a exploração da força de trabalho das mulheres** em ocupações de tempo parcial, substituindo assim trabalhadores homens centrais melhor remunerados e menos facilmente demitíveis pelo trabalho feminino mal pago, como o retorno dos sistemas de **trabalho doméstico e familiar e da subcontratação permite o ressurgimento de práticas e trabalhos de cunho patriarcal feitos em casa.**” (p.146)
- A transição para a acumulação flexível foi marcada, na verdade, por uma revolução (de modo algum progressista) no papel das mulheres nos mercados e processos de trabalho num período em que o movimento de mulheres lutava tanto por uma maior consciência como por uma melhoria das condições de um segmento que hoje representa mais de 40 por cento da força de trabalho em muitos países capitalistas avançados. (p.146)

Produção e consumo

Mas a aceleração do tempo de giro na produção teria sido inútil sem a redução do tempo de giro no consumo. A meia vida de um produto fordista típico, por exemplo, era de cinco a sete anos, mas a acumulação flexível diminuiu isso em mais da metade em certos setores (como o têxtil e o do vestuário), enquanto em outros - tais como as chamadas Industrias de “*thoughtware*” (por exemplo, videogames e programas de computador) - a meia vida esta caindo para menos de dezoito meses. A acumulação flexível foi acompanhada na ponta do consumo, portanto, por uma atenção muito maior às modas fugazes e pela mobilização de todos os artifícios de indução de necessidades e de transformação cultural que isso implica.

(p.147)